

ARTIGO

OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA E DO JORNALISTA: SUTILEZA QUE FAZ DIFERENÇA NO ÂMBITO PROFISSIONAL

Adriana Polloni
Clóvis Furlanetto
Iasmim Santos de Araújo

RESUMO

O presente estudo levanta questionamentos acerca da subjetividade da pessoa que exerce a profissão; pessoa está dotada de emoções e estímulos nervosos que respondem ao cérebro, responsável pela consciência, racionalidade e inconsciência do ser. Também é pautado como diferenciar as formas objetivas dentro do jornalismo, através do empirismo e teorias de estudiosos de áreas como Jornalismo, Sociologia, Psicologia e Psicanálise. O objetivo principal desta pesquisa é clarificar as noções apresentadas e ressaltar que nenhuma delas é excludente da subjetividade, inerente ao profissional jornalístico.

Palavras-chave: Jornalismo; Objetividade jornalística; Objetividade do jornalista

ABSTRACT

This study raises questions about the subjectivity of journalists; people are endowed with emotions and nervous stimuli that respond to the brain, which is responsible for consciousness, rationality, and unconsciousness. It also addresses how to differentiate objective forms within journalism, through empiricism and theories from scholars in fields such as Journalism, Sociology, Psychology, and Psychoanalysis. The main objective of this research is to clarify the concepts presented and emphasize that none of them exclude subjectivity, which is inherent to journalistic professionals.

Keywords: Journalism; Journalistic Objectivity; Journalist Objectivity

INTRODUÇÃO

Todorov em seu livro “A conquista da América: a questão do outro” aborda questões acerca das particularidades de cada indivíduo e como desenvolvem-se em sociedade ao avaliar a relação dos espanhóis com os índios, durante o processo de conquista e colonização.

Para dar conta das diferenças entre eles no real, é preciso distinguir entre pelo menos três eixos, nos quais pode ser situada a problemática da alteridade. Primeiramente, um julgamento de valor (um plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho autoestima...).

Neste ponto, o autor evidencia como o primeiro eixo molda as relações entre “eu” e “outrem”, a partir das impressões que deixam uns nos outros e segue explanando sobre como as relações se distinguem entre si:

Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico): a dos valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistêmico); aqui não há, evidentemente, nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores.” (TODOROV, A conquista da América, 1982)

Neste sentido, a partir das reflexões propostas por Todorov, é possível compreender a complexidade das relações humanas e como todas as atitudes que um indivíduo tem, já teve ou possa vir a ter estão interconectadas em experiências próprias, adquiridas a partir das relações com os outros.

Em todas as áreas, momentos e situações, as pessoas são transformadas dentro de cada realidade a partir da comunhão com o outro, aprendendo com o que elas podem ensinar ou com o que viveram e compartilhando de modo único o que sabem ou vivenciaram. Há uma troca contínua entre os indivíduos na sociedade, respeitar e compreender a realidade do outro é responsabilidade de cada um, coisa está defendida de forma fervorosa pelos Direitos Humanos.

Ao lançar o olhar sobre o todo, pode ser visto como o mundo é diversificado e moldado de acordo aos acontecimentos diários, desde situações corriqueiras até tragédias noticiadas em jornais, fato este que se dá porque o ser humano é reagente.

Não somente por precisar estar em ação contínua, mas especialmente por ter anos de história que o transformou naquele ser capaz de ver, sentir, tocar e transformar.

Seja como o protagonista da notícia, o receptor da mensagem ou aquele que a reporta: o ser, repleto de emoções e criado por um contexto histórico único, reage de diversas formas ao que acontece ao redor do mundo, o que levanta o questionamento acerca da objetividade do jornalista: Como separar a notícia de quem está reportando-a?

No livro “The view from somewhere” (2019 – em tradução livre “A visão de algum lugar”), Lewis Raven Wallace critica a noção tradicional de objetividade, que muitas vezes é usada para criar uma fachada de imparcialidade, quando na realidade todas as perspectivas são moldadas por experiências e contextos pessoais.

O autor defende que assumir e tornar transparente a subjetividade pode levar a uma prática jornalística mais honesta e reflexiva. Isso significa que os jornalistas devem reconhecer suas próprias visões e preconceitos e como esses fatores influenciam a cobertura das notícias, ao invés de se esforçar para manter uma ilusão de imparcialidade.

Embora não seja uma temática altamente pautada, compreender a diferença entre a objetividade jornalística e do jornalista é essencial para que possa ser assimilada a realidade que o campo teórico torna quase excludente no âmbito jornalístico: o profissional que exerce a função, por mais qualificado e habilidoso, é acima de tudo e por debaixo dos trajes formais, atrás das telas, páginas ou microfones, um ser humano, e como consequência, repleto de sentimentos e subjetivos.

Não esporadicamente, é possível observar a forma como as notícias são veiculadas nos meios de comunicação de massa: clara, objetiva, coerente e concisa. Os profissionais do jornalismo exercem suas funções genuinamente e informam aos cidadãos sobre acontecimentos de interesse público, dotados de valores-notícia, após filtragem intensa do que seria essencial para a população.

Neste âmbito, o que fazem os veículos de imprensa e comunicação ao definirem seus critérios de noticiabilidade ou valores-notícia senão o julgamento de valor proposto por Todorov? E quais seriam os papéis dos profissionais, diante dos planos praxiológico e epistêmico, senão os de construir relações de proximidade e distanciamento, e reconhecer o outro a partir do próprio conhecimento e empatia?

Enquanto seguem à risca as regras e padrões jornalísticos para uma cobertura completa e idônea da próxima notícia, a ausência de conhecimento e compreensão da

sutil diferença entre a objetividade do jornalista e da notícia faz com que os jornalistas, enquanto profissionais, sejam negligenciados ao terem o direito de serem reconhecidos como pessoas revestidas de sentimentos e emoções esquecido.

Trata-se de um artigo produzido a partir de uma pesquisa qualitativa, visando analisar os aspectos subjetivos relacionados aos profissionais jornalistas quando expostos em situações em que a objetividade do jornalista e da notícia precisaram ser delimitadas.

DESENVOLVIMENTO

Christine Chubbuck foi uma jornalista norte-americana que chocou o mundo ao cometer suicídio durante uma transmissão de televisão ao vivo em 15 de julho de 1974 pela WXLTV (canal televisivo local de Sarasota, Flórida).

Ela não somente protagonizou o acontecido, mas também o noticiou segundos antes de cometê-lo: *“De acordo com a política do Canal 40 de trazer a você o que há de mais moderno em ‘sangue e tripas’ e em cores vivas, você está prestes a ver outro caso em primeira mão: uma tentativa de suicídio”* são as últimas palavras da jornalista ao atirar com uma arma na própria cabeça.

Com a situação exposta, claramente pode ser concluído como a jornalista cumpriu o ato de informar de maneira totalmente objetiva, característica essencial para a profissão, porém quantas foram as marcas, histórias e emoções que ficaram escondidas durante a década de trabalho exercido por Chubbuck?

Da mesma maneira, o ambiente jornalístico desde 1890 fez que muitos profissionais escondessem tudo o que já foram e viveram enquanto fossem os emissores de notícias ao redor do mundo. A partir de 1930, a objetividade crua e cega começou a ser delimitada metodologicamente devido a compreensão de que a subjetividade é algo inevitável.

A primeira teoria do jornalismo se chamava “Teoria do Espelho”, robusta da expectativa de reportar exatamente o que acontecia no mundo real, o que exigia a imparcialidade diante dos fatos, pois estes deveriam falar por si, entretanto não existe a possibilidade de ser reflexo da realidade, colocando às sombras aspectos psicológicos, fisiológicos e socioculturais do jornalista.

A psicologia, além de defender que o ser humano aprenda a lidar e controlar suas emoções, também aponta que o indivíduo é inerente a elas, dotado de terminações nervosas em todas as partes do corpo que respondem à estímulos do cérebro e este, por sua vez, é o originário da consciência, instinto e racionalidade, segundo tópicos freudianas.

Os momentos em que a objetividade do jornalista é posta à prova serve apenas para exemplificar a impossibilidade de excluir a subjetividade do profissional, mesmo que esteja reportando uma notícia dentro dos padrões de lide e pirâmide invertida.

Paralelo a isso, devem ser considerados os tópicos de Freud, ao explicar a origem da consciência que, ao dividi-la em partes (inconsciente, pré-consciente e consciente), em teoria topográfica e modelo estrutural (ID, ego e superego) torna-se claro como o ser humano, mesmo que não tenha a intenção, está, indubitavelmente, atrelado às circunstâncias sociais, econômicas e psicológicas, inclusive quando exercem suas profissões, como é o caso do jornalista.

Sigmund Freud ao escrever que *“o inconsciente de um ser humano pode reagir a outro sem passar pelo consciente”* (livro *“O Chiste e sua relação com o inconsciente”*) acentua a ideia apresentada neste trabalho. Uma vez que o inconsciente é composto dos principais determinantes da personalidade e fontes de energia e das pulsões (vida ou morte), o pré-consciente é a parte do inconsciente que pode vir à tona de forma fácil e o consciente é definido por tudo aquilo que o sujeito está ciente. Deste modo, envolvido por pulsões de vida ou morte, seja para apreciar ou depreciar o que está a sua volta, as percepções e expectativas do indivíduo são expressadas inevitavelmente, sendo este o objetivo ou não.

Dito isso, pode ser compreendido como a objetividade da notícia é diferente da objetividade do jornalista, uma vez que os fatos precisam ser reportados com total verossimilhança, após trabalho de apuração e organização da notícia, evitando, o máximo, que a subjetividade do jornalista seja imprimida durante a reportagem. Lembrando que a existência desta, por sua vez, não está sendo ignorada ou excluída, pelo contrário, é o complemento do jornalista que faz.

Henry Luce, cofundador da revista Time em 1923, ao dizer *“mostre-me um homem que pensa que é objetivo e eu lhe mostrarei um homem que está se enganando”* elucida como muitas vezes a objetividade é colocada equivocadamente como a

idealização de um jornalismo ideal, ao excluir ou ignorar as questões subjetivas por trás de toda ação tomada pelas pessoas e, em consequência, pelos profissionais da área. A objetividade jornalística é considerada como a melhor forma de garantir imparcialidade e que a verdade seja contada sem vieses pessoais de quem reporta a notícia, além de ser uma maneira combater a divulgação de notícias falsas. No entanto, a subjetividade é algo inerente ao profissional, por tratar-se de uma pessoa singular, com história única, repleto de contextos e um modo diferente de percepção.

Como demonstra a citação de Luce, esta crença na objetividade como um ideal pelo qual lutar foi associado quase desde o início a um intenso ceticismo – não apenas sobre a verdade, mas sobre a capacidade humana de reconhecer e dizer essa verdade. Como escreve Schudson, a luta pela objetividade também foi inerentemente um reconhecimento da subjetividade. (WALLACE, Lewis Raven. *The View From Somewhere*, 2019, página 56).

No jornalismo, ao considerar a existência da objetividade e tê-la como um padrão a ser seguido, a existência da subjetividade é reconhecida apenas na delimitação do interesse público e do interesse pessoal, onde os profissionais precisam colocar suas verdades e opiniões de lado, para garantir que a notícia de maior interesse público seja divulgada, em detrimento de outros assuntos.

Neste sentido, como os casos de Christine Chubbuck ou de Carlos Alberto Baldassari, um jornalista pode atender a todos os critérios da objetividade ao reportar uma notícia, mas isto não deve impossibilitar a demonstração de suas emoções, caso ocorram, ou as tornar excludentes

Análise de dados e resultados

A ideia principal deste trabalho surgiu a partir de duas questões: a primeira delas foi “como os jornalistas conseguem manter uma postura fria ou distante diante de notícias tão pesadas, tristes, ou até mesmo não demonstrar certa felicidade ao noticiar coisas boas para determinado público?”, enquanto a segunda, em contrapartida, questiona “por que os jornalistas são cobrados de serem totalmente objetivos, sem demonstrar o que sentem, por que emitiriam opinião sobre determinado assunto? Até que ponto a objetividade pode tornar nula a humanidade que existe neste profissional?”

Deste modo, através de pesquisas de artigos na internet sobre a objetividade, subjetividade e o profissional jornalista, correlacionando-os, e ao observar reportagens

de jornais disponíveis no canal do Youtube ou matérias publicadas online sobre determinados profissionais da área, como o caso da jornalista Christine Chubbuck (e posteriormente o filme que foi lançado tratando sobre sua vida profissional), este trabalho foi sendo construído.

O jornalista precisa da objetividade para não se perder diante dos fatos, enquanto a subjetividade é inerente ao profissional para mostrá-lo que ao ceder, ele estará demonstrando humanidade e, conseqüentemente, gerando maior aproximação de quem o lê, assiste ou escuta.

Importante ressaltar que em nenhuma das pessoas entrevistadas houve dúvida sobre o conceito de subjetividade, menos ainda esta foi associada ao sensacionalismo utilizado por muitos meios de comunicação para gerar visualizações e engajamento.

Sendo assim, com este trabalho e análise das respostas, ficou claro como a pauta da subjetividade no jornalismo é importante e como precisa ser debatida entre os profissionais, de modo que possam compreender melhor não somente seus colegas, mas também os receptores das mensagens.

A partir das reflexões apresentadas neste trabalho, pode-se concluir que a subjetividade é algo inerente ao jornalista, mas que esta não atrapalha a objetividade da notícia, pois embora a notícia seja devidamente apurada, editada e reportada por um jornalista – ser subjetivo – este profissional tem habilidades suficientes para fazê-lo de modo objetivo, claro, conciso, sem qualquer viés de opinião.

Não excluindo, no entanto, a possibilidade deste, em determinados momentos, demonstrar emoção diante de notícias que beneficiam a sociedade ou daquelas que causam grande comoção, porque além de exercer o direito da liberdade de expressão, tem a possibilidade de tornar o público ainda mais próximo, já que ao assumirem o papel de receptores, este público tem o poder de captar toda a subjetividade do jornalista e compreender sua humanidade, tornando-o “gente como a gente”.

Toda notícia deve ser reportada com seriedade e total verossimilhança, como também deve-se respeitar a subjetividade do outro e reconhecer sua humanidade, são coisas que se completam, coexistem, não supressivas.

Deste modo, não colaborando para a criação ou padronização de máquinas que publicam notícias de modo frio e obsoleto – como se já não bastasse as telas dos computadores, - é possível respeitar o desenvolvimento desses profissionais de modo

cada vez mais humano, respeitoso e empático. Transformando, deste modo, realidades diversas através da comunhão com o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGETSINGER, Amy; MERRY, Stephanie. The definitive story on Christine Chubbuck, the anchorwoman who killed herself on live TV. **The Washington Post**. Online, 01 de fevereiro de 2016. Disponível em: 18 de março de 2024. <<https://www.washingtonpost.com/news/arts-and-entertainment/wp/2016/02/01/christine-chubbuck-the-1974-washington-post-story-about-the-anchorwoman-who-killed-herself-on-live-tv/>>. Acesso em: 18 de março de 2024.
- CASTILHO, Carlos. Objetividade no jornalismo. **Observatório de Imprensa**. Online, 18 de abril de 2023. Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornalismo/objetividade-jornalistica-o-dilema-entre-a-teoria-e-a-pratica/>>. Acesso em: 19 de março de 2024.
- CHRISTINE CHUBBUCK (1974). Créditos (trecho da reportagem ao vivo no canal televisivo de Sarasota - WXLTV). Sarasota, 2016. Vídeo no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lo-qV6JBkwY>>. Acesso em: 18 de março de 2024.
- CHRISTINE: Uma história verdadeira. Créditos (Diretor: Antônio Campos. Produtores: Sean Durkin et. all.) Local: Online. Prime Video, 2016. Filme de longa-metragem com duração de 01 hora e 59 minutos. Disponível em: <<https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Christine-Uma-Hist%C3%B3ria-Verdadeira/0Q5GKJ5HZDOOM7OV7L7TU5L8XV>>. Acesso em: 20 de março de 2024.
- DEMENECK, Ben-Hur. Objetividade jornalística: o debate contemporâneo do conceito. Online. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93112/278470.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 de março de 2024.
- FASES DA TEORIA DE FREUD. Psicanálise clínica. Online. Disponível em: <<https://www.psicanaliseclinica.com/primeira-topica/>>. Acesso em: 21 de março de 2024.
- FLORENCIO, Felipe. A experiência estética no jornalismo cultural impresso: uma observação sensível. Online. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0825-1.pdf>>. Acesso em: 19 de março de 2024.

GLEICH, Marta. Objetividade no jornalismo. **Zero Hora**. Online, 13 de maio de 2023. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaio/conselho-editorial/noticia/2023/05/objetividade-no-jornalismo-clhl395js00ek015b3wvt4w15.html>>.

Acesso em: 19 de março de 2024.

HENRIQUE, Rafael Paes. Entendimentos de objetividade entre os jornalistas brasileiros. Online. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/1410/1380/6553>>.

Acesso em: 19 de março de 2024.

MACHADO, Simone. Jornalista que descobriu morte de filho ao cobrir acidente: 'Em choque'. **UOL**. Online, 09 de junho de 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/06/09/sem-reacao-diz-jornalista-que-descobriu-morte-do-filho-durante-live.htm>>. Acesso em: 18 de março de 2024.

MALVA, Pamela. A dura história de Christine Chubbuck. **Aventuras na História**. Online, 04 de julho de 2020. Disponível em <<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/o-tragico-e-planejado-suicidio-ao-vivo-de-christine-chubbuck.phtml>>. Acesso em: 18 de março de 2024.

MARIN, Ana. Vídeo: jornalista vai cobrir acidente e descobre que filho morreu na colisão em Araraquara. **G1**. Online, 08 de junho de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2022/06/08/jornalista-de-araraquara-vai-cobrir-acidente-na-sp-255-e-descobre-que-filho-e-a-vitima-fatal.ghtml>>. Acesso em: 18 de março de 2024.

MARINHO, Roberto; MARINHO, João Roberto. Princípios Editoriais do Grupo Globo. **G1**. Online, 06 de agosto de 2011. Disponível em: <<https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>>. Acesso em: 21 de março de 2024.

OLIVEIRA, Felipe Pena. Teoria do jornalismo. Online. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/slideshow/teoria-do-jornalismo-by-felipe-pena-zliborg-1pdf/257664932>>. Acesso em: 19 de março de 2024.

SEFANIU, Wellington. Objetividade e subjetividade no jornalismo: o “quarto poder”. Online, 2021. Disponível em: <<https://1library.org/article/objetividade-e-subjetividade-no-jornalismo-o-quarto-poder.y956j4wz>>. Acesso em: 19 de março de 2024

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1989.

WALLACE, Lewis Raven. **The view from somewhere**. Chicago: University of Chicago Press, 2019.